

MORTE E VIDA E A OUTRA VIDA EM MORRESTE-ME, DE JOSÉ LUÍS PEIXOTO

Ivanete França Galvão de Carvalho (UERJ)¹

Resumo: A comunicação que se apresenta pretende desenvolver uma reflexão acerca de “Morreste-me”, de José Luís Peixoto. A temática gira em torno da morte do pai. Daí encontremos questões que irão girar em torno do amor, da vida, da morte e do luto. Desse modo, procuramos compreender a multiplicidade de sentimentos que ali transitam, as memórias da convivência familiar e principalmente sua relação com o pai, o amor que os unia. A arte, a literatura como transgressão se afirmam. Aqui, iremos nos valer dos teóricos como Philippe Ariès, Severo Sarduy, Herbert Marcuse, Michel Foucault, Santo Agostinho entre outros, que apontam considerações e problematizam as questões da morte, do luto e da vida.

Palavras-chave: Morreste-me; o amor; a vida; a morte; o luto.

O romance — A figura do pai

Neste texto, uma prosa poética, na qual o autor põe toda a dor da perda, consegue fazer essa dor transformar-se em declaração do desejo, fazer com que seu público leitor jamais esqueça a importância de não esquecer, ou melhor, de deixar eternizado um acontecimento que não atinge a uns, mas senão todo o efeito da dor da ausência, da certeza de o tempo que não voltará, mas que jamais, passará. Jamais desaparecerá da lembrança e do convívio. Porque o amor, mais forte que se perpetuará pelas lembranças dos momentos vividos. Medir a importância de um acontecimento é bastante individual e neste romance pode-se dizer que o tamanho da dor é proporcional ao tempo, ao convívio feliz, a admiração e respeito que o autor nutre pelo pai. Não há como equacionar a emoção e o desespero da certeza que se tem da orfandade que será eterna. O ser humano procura de certa forma, abdicar de algo que é real, ignorar a morte como parte da vida. Busca-se a eternidade inconscientemente e acredita-se nela. Há no conceito de pulsão de morte e de pulsão de vida elaborados por Sigmund Freud que acabam causando confusão de entendimento, pois existe nessas duas forças que agem em nosso cotidiano uma “luta” interior natural no ser humano, porque a pulsão de vida é tudo que traz energia, àquilo que é inovador e fantasioso, a vontade de viver, de

¹ Graduada em Letras (UNESA), Especialista em Literaturas Portuguesa e Africanas (UFRJ), Mestranda em Literatura Portuguesa (UERJ). Contato: ivanetefranca.galvao@gmail.com



prosseguir, avançar, ou seja, o prazer; a pulsão de morte é tudo que traz o estático, o cômodo, o estagnado e sem dor, o parado. Há que se examinar muitos estudos sobre o quais discorram uma análise do conceito de morte e do luto. Trata-se de uma zona obscura, pois a morte só é entendida e classificada como negativa. Um moribundo não deseja morrer e este ato, segundo Kurt Eissler (1955), citado por Jean Ziegler (ZIEGLER, 1975, p. 189), de não querer morrer é “natural” e somente em estado psíquico conflituoso, de um suicida, por exemplo, existe o real “desejo de morrer”.

O inconsciente age conflituosamente entre essas duas pulsões porque o ser humano defende o desejo de viver, o prazer, a felicidade que estão diante dos olhos e concentram sempre a perspectiva de longevidade e essas duas pulsões brigam para mostrar os pontos negativos e positivos da vida e da morte. Em Marcuse, (MARCUSE, 1986) cito:

A suposição de Freud (do instinto de morte) implica que a motivação básica para a hostilidade ou destrutividade reside no impulso para destruir. Assim, ele converte em seu oposto a nossa convicção de que destruimos para viver: vivemos para destruir. (MARCUSE, 1986, p. 230).

E no hospital se descortinam os fantasmas dos resultados, temores daquilo que possa vir à acontecer, a notícia, momentos que antecedem a confirmação do adeus é reservado o direito ao choro e a fortaleza de não confessar o que é irreversível:

E menti-te. Disse aquilo em que não acreditava. Ao olhar amarelo, ofegante, disse que tudo seriam e seríamos de novo. E menti-te. Disse vamos voltar para casa, pai; vamos que eu guio a carrinha, pai; só enquanto não puder, pai; vá, agora está fraco mas depois, pai, depois, pai. Menti-te. E tu, sincero, a dizeres apenas um olhar suplicante, um olhar para eu nunca mais esquecer. Pai. À hora, mandaram-nos sair (PEIXOTO, 2000, p. 12).

Diante da morte, José Luís Peixoto se vê impotente. Toda angústia da perda é posta de forma singular. A terra em que nascera, as ruas, os rostos, a casa e o quintal que um dia fora cenário de felicidade, de união, agora vazio e fundo como um buraco que se abre sobre o chão, o portão vazio sob os pés. Mesmo vencendo o luto e o momento melancólico, supõe-se que a morte será sempre a dor mais insuportável que pode o homem sentir.



José Luís Peixoto vai conduzindo o texto para a “eternização” de seu pai quando passa as imagens de dias comuns, corriqueiros de convivência familiar, de pequenos atos, e mesmo diante da agonizante lembrança do sofrimento do pai com as dificuldades que a doença lhe causava, ainda assim, o tempo não fica estagnado; o tempo caminha quando pensa no afeto entre neta e avô. E o choro vem. Talvez neste momento de solidão, absorvido pelo negro da noite, se faça real a ausência do pai, como se somente neste instante lhe fosse revelado à orfandade.

Esse desespero de sentir-se só, desprotegido não é uma questão somente física e sim o fato e a certeza da eterna falta da presença, da certeza de que a qualquer momento o pai chegaria e na verdade, não mais chegará:

Pai, a casa é esta noite negra, fria sem a segurança maior que era tua e nos davas. Agora, o medo. Entraste na morte e já não podes voltar para me proteger. Passei a noite sozinho, sentado ao lume, a esperarte. E já não podes voltar para mim, que te espero, que te amo. (PEIXOTO, pág. 44).

O romance enfim, perpetuará a memória de seu pai... A vocação da arte como afirmação da vida se confirma, conforme procuramos evidenciar. O enriquecimento do texto de José Luís Peixoto não está somente no modo como expressa a dor da perda daquele que vem ser o protagonista do romance, seu pai, mas está no fato da súplica e da transgressão pela força do pensamento em manter viva a figura do pai. Os momentos que por hora pudessem estar adormecidos ressurgem ainda mais fortificados. O autor em sua forma nua, despido de purismos revela que embora a casa pareça vazia, nela sempre haverá pessoas que se amam e que não sucumbirão ao tempo, pois os sentimentos, as memórias, os afetos trocados, não desaparecerão diante da morte de um dos integrantes da família. O pronome pessoal funciona de forma muito estreita com o sentimento de posse quando adota para o título o pronome possessivo “me”. Um título fundamental que intensifica o desejo de tê-lo num momento de pura emoção em que trata do amor entre pai e filho.

2.2 Luto: o que fazemos nos instantes pós-morte?

A dureza desse questionamento nos leva a fazer outro ainda muito mais importante: a vida teria importância se fosse eterna? Quem se importaria? O ser humano é dotado de sensibilidades interiores que funcionam singularmente para cada um. O resguardar e o silêncio do luto são como armas que o projetam para fora de sua “alma” por conta do pensamento e da reflexão. Talvez daí interroga-se o que fazer “do agora”, desse instante que não existe retorno. Silenciar a mente e trocar as palavras pelo silêncio pode ser o encontro com as memórias, conservando as lembranças importantes de tempos que ficarão agora potencializadas pela saudade e pelo pensamento. Sobre a memória, em sua obra “Confissões”, Santo Agostinho escreve:

Chego aos campos e vastos palácios da memória, onde estão tesouros de inumeráveis imagens trazidas por percepções de toda espécie... Aí está também escondido tudo o que pensamos, quer aumentado quer diminuindo ou até variando de qualquer modo os objetos que os sentidos atingiram. Enfim, jaz aí tudo o que se lhes entregou e depôs, se é que o esquecimento ainda não absorveu nem sepultou... Aí estão presentes o céu, a terra e o mar, com todos os pormenores que neles pude perceber pelos sentidos, exceto os que esqueci. É lá que me encontro a mim mesmo, e recordo das ações que fiz, o seu tempo, lugar, e até os sentimentos que me dominavam a praticá-las. É lá que estão também todos os conhecimentos que recordo, aprendidos pela experiência própria ou pela crença no testemunho de outrem. (AGOSTINHO, 2000, X, p. 8).

Baseando-nos no fragmento acima, supomos que o sofrimento não se limita a perda e a solidão característica do fato, mas se estende aos rituais pós-morte que de uma forma ou de outra são necessários e que trazem de volta o suplício da dor ainda que faltem as forças. Os que ficam são responsáveis por essa prestação de honra e de comportamentos institucionalizados do luto que obedecem as regras e rituais de cada sociedade ou religião. O luto é um processo de organização psicológica que tira o sujeito de seu estado de normalidade e do pensar sobre sua própria vida, de tanta amargura e melancolia em que se encontra. As lembranças armazenadas, o desejo de revivê-las e a certeza da impossibilidade de concretizá-las é seu maior tormento.

Como confessa José Luís Peixoto em seu romance, o sentimento que fica diante da morte é senão de “vingança guardada para este mundo que os castiga” (PEIXOTO,



2000, p. 58). E completa a saga de despedida, já tomado pela angústia do luto num texto magistral para o que é inexorável:

Descansa, pai, dorme pequenino, que levo o teu nome e as tuas certezas e os teus sonhos no espaço dos meus. Descansa, não vou deixar que te aconteça mal. Não se aflija, pai. Sou forte nesta terra nos meus pés. Sou capaz e vou trabalhar e vou trazer de novo aqui o mundo que foi nosso. Vou mesmo, pai. O mundo solar. Reconhecê-lo-ei, porque não o esqueci. E também o tempo será de novo, e também a vida. Sem ti e sempre contigo. (PEIXOTO, 2000, P. 59).

Quem sabe lhe invade uma sensação de reencontro imediatamente com a personagem deste romance que configura essa dor? Seu discurso remete a um encontro iminente, pois o tom não é somente de despedida, se dá principalmente num acordo, numa promessa. Talvez resida aí o valor da arte: a capacidade de vencer a morte. Segundo Marcuse:

Com a sua luta pela eternidade, Eros transgredir o tabu decisivo que somente sanciona o prazer libidinal como uma condição temporal e controlada, não como um permanente manancial da existência humana. [...] A luta pela preservação do tempo no tempo, para a paralisação do tempo, para a conquista da morte, parece irracional a todos os títulos e francamente impossível sob a hipótese do instinto de morte que aceitamos [...] Quer a morte seja temida como uma constante ameaça ou glorificada como supremo sacrifício ou, ainda, aceita como uma fatalidade, a educação para o consentimento da morte introduz um elemento de abdicção na vida, desde o princípio – abdicção e submissão. (MARCUSE, 1978, p.202-203).

O sentimento do luto é colocado pelo autor de forma melancólica e nostálgica e diz do quanto é sofrido esse depois, esse momento pós-funeral:

Tudo se resume a esta luz fina a recordar-me todo o silêncio desse silêncio que calaste. Pai. Quero que saibas, cresce uma luz fina sobre mim que sou sombra, luz fina a recordar-me de mim, tênue, sombra apenas. Não te posso esconder, depois de ti, ainda há tudo isto, toda esta sombra e o silêncio e a luz fina que agora és. (PEIXOTO, 2000, p.22).

2 - A literatura como transgressão: em nome do pai a morte é apedrejada.

Chateaubriand fala, em “Génie du christianisme” — como de um folclore muito bonito: “A morte, tão poética porque toca às coisas imortais, tão misteriosa por causa do seu silêncio, deveria ter mil formas de se anunciar”, mas acrescenta: “para o povo” (...) Para Chateaubriand, “as mil formas da morte se anunciar” são todas maravilhosas. (CHATEAUBRIAND, apud. ARIÈS, 1977, p.9).

De acordo com o historiador francês Philippe Airès, em “História da morte no ocidente”, desde a Idade Média, a atitude do homem diante da morte mudou:

O homem submetia-se na morte a uma das grandes leis da espécie e não pensava nem em se lhe esquivar nem em a exaltar. Aceitava-a simplesmente como justa, o que carecia de solenidade para marcar a importância das grandes fases por que todas as vidas devem passar. (ARIÈS, 1989, p.31).

Essa tentativa de afastamento e neutralização da morte é evidenciada a partir da segunda metade do século XIX, quando obliterada a solenidade de alguns rituais como o luto e o funeral. José Carlos Rodrigues, em *Tabu da morte* (1983, p. 187), ressalta que “a regra em nossa sociedade é a neutralização dos ritos funerários e a ocultação de tudo que diga respeito à morte”. O homem, portanto, nega a morte, ainda que a consciência de finitude seja uma marca de expressão cultural própria da humanidade, porque simplesmente “não pode suportar sua ritualização” (RODRIGUES, 1983, p. 187). O homem sempre viveu sob o impacto da morte, embora tenha havido um tempo em que o natural e o sobrenatural não fossem distantes. Conceituar a morte, portanto, depende de várias questões, entre eles o tempo histórico, o contexto social e cultural em que se introduz a discussão. A premonição cotidiana não deixava a morte em suspenso, no vazio. A morte se fazia anunciar nos textos românticos, por isso “essa crença de que a morte avisa, que atravessou os séculos, sobreviveu por muito tempo nas mentalidades populares” (ARIÈS, 1977, p. 11). As premonições eram tão comuns que a morte súbita era vista como morte feia e desonrosa, assim como a morte clandestina, aquela em que o indivíduo desaparecia num afogamento, na estrada, quando o cadáver era encontrado a mercê de uma cerimônia, sem testemunhas (ARIÈS, *ibid.* p.12). Na sociedade atual prevalece a negação da morte, evitando-se o discurso à respeito da morte no cotidiano. Quando Chateaubriand enfatiza que a morte deveria ser anunciada ao povo, o diz por



que a classe instruída estava muito ocupada reunindo fortuna, absorvida de vaidades e não percebiam os sinais precursores da morte. Por isso, Georges Bataille já não se detém de uma violência, mas de transgressão, pois não considera numa negatividade, o rompimento, da ausência e da existência. Sarduy (1979) reflete no capítulo sobre “As três transgressões” de Bataille e revela:

A sociedade burguesa (sobretudo a que não confessa sê-lo) mitigou a resistência que lhe inspiravam o erotismo e a morte, para intensificar, até ao patológico, a que lhe inspira o pensamento que se pensa a si mesmo. Blasfêmia, homossexualidade, incesto, sadismo, masoquismo e morte já são transgressões relativamente toleradas. (Não falo da transgressão pueril que é a arte “de denúncia”: o pensamento burguês não só não se importa, como se satisfaz com a representação da burguesia como exploração, do capitalismo como podridão). A única coisa que a burguesia não suporta, o que a “tira dos eixos”, é a ideia de que o pensamento possa pensar sobre o pensamento, de que a linguagem possa falar da linguagem, de que um autor não escreva sobre algo, mas escreva algo (como propunha Joyce). Frente a essa transgressão que era para Bataille o sentido do *despertar*, se encontram, repentina e definitivamente, de acordo, crentes e ateus, capitalistas e comunistas, aristocratas e proletários, leitores de Mauriac e de Sartre. A desconfiança e a agressividade, que as pesquisas críticas atuais suscitam, ilustram a *unidade* das ideologias mais opostas ante a verdade do *despertar* de Bataille. (SARDUY, 1979, págs. 22-23).

Então, sob essa perspectiva, vê-se que “o homem não foi educado para a morte”, segundo Jean Ziegler (1977, p. 307), a vitória é da morte, a morte do corpo e do pensamento, e a literatura é que fará a transgressão. Neste caso, José Luís Peixoto leva até as últimas consequências seu romance, num tom muito particular e biográfico que supomos ser um desafio pôr em prosa o *despertar* para esse acontecimento que é a morte. Quando o autor regressa aos lugares de seu afeto tem o coração repleto de dor, de melancolia e de saudade:

Diante de mim, as ruas varridas, o sol enegrecido de luz a limpar as casas, a branquear a cal; e o tempo entristecido, o tempo parado, o tempo entristecido, o tempo parado, tempo entristecido e muito mais triste do que quando os teus, claros de névoa e maresia distante fresca, engoliam esta luz agora cruel, quando os teus olhos falavam alto e o mundo não queria ser mais que existir. (PEIXOTO, 2000, p.9).



Segundo Foucault utilizando-se do termo biopolítica, a partir do final do século XIX e início do XX o poder modifica-se e já não era possível governar o indivíduo e diz:

A questão sobre o que somos, em alguns séculos, uma certa corrente nos levou a colocá-la em relação ao sexo. Nem tanto ao sexo-natureza (elemento do sistema do ser vivo, objeto para uma abordagem biológica), mas ao sexo-história, ao sexo-significação, ao sexo-discurso. O homem ocidental aprende pouco a pouco o que é ser um ser uma espécie viva num mundo vivo, ter um corpo, condições de existência, probabilidade de vida, saúde individual e coletiva, forças que se podem modificar e um espaço em que se pode reparti-las de modo ótimo. Pela primeira vez na história, sem dúvida, o biológico reflete-se no político; o fato de viver não é mais esse sustentáculo inacessível que só emerge de tempos em tempos, no acaso da morte e de sua fatalidade: cai, em parte, no campo de controle do saber e de intervenção do poder. (FOUCAULT, 2011, p. 155).

O homem anseia intimamente, inconscientemente a imortalidade, não está em seus planos morrer, por isso anseia a vida eterna, seja ela envolta do “misticismo”, da reencarnação, da ressurreição ele trará sempre o desejo de continuidade, porque “a morte é, para a consciência, um obstáculo absurdo, uma fronteira última e determinante”, segundo Jean Ziegler. Por conta disto, ainda sob suas concepções:

É por causa dela que “o homem tenta quase tudo”: para atualizar ao máximo seu desejo superabundante de vida, afastar a angústia do aniquilamento, enganar o tempo que passa, ou melhor, acumular “o tempo que resta” (...) Nossa essência temporal é a nossa arma contra o tempo. (ZIEGLER, 1977, p. 306).

Mas a literatura pôs-se à frente, transgredindo e ultrapassando a morte como um despertar para fortificá-lo naquela angústia e José João Serrano Peixoto, tomará a partir de “*Morreste-me*”, um lugar memorial trespassando o silêncio do instante, do luto para a eternidade das formas, com seu romance José Luís Peixoto apedreja a morte e assegura a permanência do Pai. No plano das formas, pela arte, o filho garante ao pai o pacto com a eternidade.

3 - CONCLUSÃO

Para estabelecer como o evento da morte instaurou no autor um comportamento de solidão e ao mesmo tempo uma força interior que eleve seu pensamento e o desejo a desmistificação do desaparecimento de seu pai, nos colocamos a examinar a memória posta na obra. Com isso percebemos que o mundo ficcional está sempre a apontar para o mundo real principalmente quando se trata de questões sobre a vida e a morte. A vida rodeada por seus mistérios desde o nascimento é vencida pela morte. Mas “o homem depende do homem, só existe por causa do homem e a sua vida é ligada a do outro pela vida” (ZIEGLER, 1977, p. 303). Recuperemos o que nos diz Georges Bataille:

A morte de um é o correlativo do nascimento de outro, que ela anuncia e do qual é a condição. A vida é sempre um produto da decomposição da vida. Ela é tributária em primeiro lugar da morte, que abre o lugar; depois da corrupção, que segue a morte e repõe em circulação as substâncias necessárias à incessante vinda ao mundo de novos seres. Que a morte seja também a juventude do mundo, a humanidade, em consenso, o desconhece. Venda sobre os olhos, recusamos ver que só a morte assegura sem cessar uma renovação sem a qual a vida declinaria. (BATAILLE, 1987, p.62).

Quando dissemos a possibilidade do reencontro, pensamos nas diversas energias que sobrepostas ao relacionamento do autor com a personagem aí atribuída a seu pai, pensamos imediatamente na vida, a outra vida, a mesma que foi inspiração para todo o seu desenvolvimento como pessoa que está pressuposta — e por que não dizer — ligada a sua como um todo e para sempre, a outra que naturalmente poderá ser, já agora, um filho.

Em muitos momentos do romance José Luís Peixoto se posiciona como a um menino ansioso por retribuir ao pai a afeição, admiração e cuidado que um dia recebeu. Atitude natural e corriqueira num relacionamento afetivo, entretanto, é de maneira quase infantil que o faz quando diz “paizinho”; não se trata aqui de minimizar o pai, mas de se pôr em seu lugar. O querer inverso de proteção, de dar o colo em vez de ombro de homem feito. Essa possibilidade que retratamos é “vida oferecida àqueles que vêm após” (ZIEGLER, 1977):



A linguagem dominante “naturaliza” a morte, faz crer numa catástrofe biológica diante da qual os homens seriam iguais. Assim, a sociedade capitalista não só reduziu a morte a um acontecimento “natural”, pobre, privado de sentido, angustiante, cercado de tabus, mas serve-se ainda deste silêncio para dissimular a desigualdade fundamental dos homens diante da morte e portanto da vida. A violência simbólica da sociedade capitalista faz da morte um evento pseudonatural absurdo, encerrando uma existência que ela construiu e julgou segundo seus próprios parâmetros. (ZIEGLER, 1977, p. 307-308).

A vida é um labirinto estreito, raso, e o instante é a passagem, o presente é uma passagem, finitude, porque num instante a vida esvai, é só isso, isso é só um instante passando e o ser humano teima por ora ignorar e por outra desafiar com o sentimento e o desejo de ser infinito. O tempo é passageiro, determinar quanto tempo tudo vai durar é inconsequente; o tempo dura apenas um segundo e em cada espaço ficam as vontades e as vontades duram todo tempo e José Luís Peixoto trata a passagem do tempo, esse tempo do conviver, sem deixar escapar nem a dificuldade em lidar com ele (o tempo), e nem a gratidão de tê-lo vivido ao lado do pai:

Pai. A tarde dissolve-se sobre a terra, sobre a nossa casa. O céu desfia um sopro quieto nos rostos. Acende-se a lua. Translúcida, adormece um sono cálido nos olhares. Anoitece devagar. Dizia nunca esquecerei, lembro-me. Anoitecia devagar e, a esta hora, nesta altura do ano, desenrolavas a mangueira com todos os preceitos e, seguindo regras certas, regavas as árvores e as flores do quintal; e tudo isso me ensinavas, tudo isso me explicavas. (...) Agora, és o rio e as margens e a nascente; és o dia, e a tarde dentro do dia, e o sol dentro da tarde; és o mundo todo por seres a sua pele. (...) E, de uma vez, deixas de respirar. Para sempre. E, de uma vez, deixas de respirar. Para sempre. Para nunca mais. Pai. Tudo o que te sobreviveu me agride. Pai. Nunca esquecerei. (PEIXOTO, 2000, p. 19-20-21).

São os ecos de vozes perdidas e reencontradas, fixadas na forma artística, vozes que nos chegam do eterno duelo entre morte e vida e a outra vida em *Morreste-me*, de José Luís Peixoto.



Referências

- AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Os pensadores. Santo Agostinho. São Paulo: Ed. Nova Cultural, 2000.
- ARIÈS, Philippe. *História da morte no Ocidente*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- _____. *O homem diante da morte*. Vol.I. Trad. Luiza Ribeiro. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.
- BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Trad. Antônio Carlos Viana. 2ª Ed. Porto Alegre: LPM, 1987.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade. A vontade de saber*. Vol. I. 21ª reimpressão. São Paulo: Edições Graal, 2011.
- MARCUSE, Herbert. *Eros e civilização. Uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. 8ª Edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- PEIXOTO, José Luís. *Morreste-me*. Edições portuguesas: 1ª Edição. Lisboa, 2000.
- RODRIGUES, José Carlos. *Tabu da morte*. Rio de Janeiro: Editora Achiamé, 1983.
- SARDUY, Severo. *Escrito sobre um corpo*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1979.
- ZIEGLER, Jean. *Os vivos e a morte. Uma “sociologia da morte” no Ocidente e na diáspora africana no Brasil, e seus mecanismos culturais*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.